

CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO CONTEXTO SEMIÁRIDO BAIANO

Pedro Paulo Souza Rios; André Ricardo Lucas Vieira; Thaynara Oliveira da Silva.

Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VII – Senhor do Bonfim – E-mail: peudesouza@yahoo.com.br

Resumo: O advento do novo século trouxe para a humanidade uma extensa e inesgotável pauta que precisa ser refletida e analisada. No atual modelo de sociedade nada está posto como pronto, somos seres em processo, poderíamos dizer que as relações com o meio social são construídas e estabelecidas a partir das necessidades/interesses políticos, sociais, culturais, econômicos e geográficos. Dessa maneira intensifica-se o debate e a reflexão em torno de questões tidas e consideradas tabus pela sociedade, como: sexualidade, orientação sexual, preconceito racial e étnico, além da garantia de direitos de categorias como mulheres. Gênero é outra categoria, que nas últimas décadas saiu do anonimato, e passou a ser pensada e discutida. Vale salientar a importante contribuição dos movimentos sociais, inicialmente o movimento feminista e posterior outros movimentos em defesa dos direitos humanos, das organizações não governamentais, das Pastorais Sociais dentre outros setores que se debruçaram sobre essa temática. O método utilizado foi a pesquisa de caráter qualitativo. A metodologia utilizada na pesquisa foi a etnográfica. A pesquisa foi desenvolvida no Projeto de Assentamento Nova Canaã – Pindobaçu – no Sertão da Bahia. O Movimento CETA – Coordenação Estadual dos Assentados e Assentadas da Bahia é o responsável pela posse da área. Historicamente, nos movimentos sociais há toda uma preocupação com as questões pertinentes as relações de gênero. Todos os espaços do Assentamento podem ser considerados espaços de formação. A formação, escolar e não escolar, dessa maneira, compreende-se a educação como um processo de formação humana na conquista do território e espacialização do posseiro e da posseira.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Semiárido Baiano; Movimentos Sociais.

Introdução: Gênero um desafio contemporâneo

O despontar do novo século trouxe para a humanidade uma extensa e inesgotável pauta que precisa ser refletida e analisada. Essa pauta traz em seu bojo questões, problemas e indagações que dizem respeito às inquietações de homens e mulheres e que pensávamos ser algo já superado, no entanto, temos percebido que, elas estão presentes e latentes, perpassando todas as esferas das nossas relações, transitando o bate-papo informal entre vizinhos e familiares em conversas informais ao tempo em que adentram as discussões e pesquisas acadêmicas, fazendo emergir conhecimentos que correspondam com os anseios da atual sociedade e que sejam verdadeiramente de respeito à diversidade.

As abordagens de gênero proporcionam uma nova perspectiva que nos permite vislumbrar novos significados e almejar novos horizontes ao tempo em nos ajuda a compreender de que

maneira a contínua construção das relações sociais tem sido fértil em criar estratégias que permitam transformá-las em experiências equitativas entre homens e mulheres e entre estes e estas e o seu meio. Pesquisas realizadas em várias partes do mundo, sobre a temática de gênero, ressaltam que esta categoria por si só não consegue fornecer elementos que garantam uma interpretação condizente e coerente da realidade, sendo necessário para isso estabelecer correlações com categorias, como: raça e etnia, orientação sexual, classe social, conflito geracional dentre outros possibilitando assim, uma leitura complexa e ampla da realidade.

A discussão e reflexão sobre gênero passou a ser uma tendência na difusão das abordagens dessa temática dentro da academia. As vozes que antes silenciadas ou de pouca expressão passam a serem escutadas e respeitadas. Nesse sentido, não podemos deixar de salientar a importante contribuição dos movimentos sociais, inicialmente o movimento feminista e posterior outros movimentos em defesa dos direitos humanos, das organizações não governamentais, das Pastorais Sociais dentre outros setores que se debruçaram sobre essa temática.

Ao pesquisarmos a temática gênero, muitas vezes nos deparamos com uma diversidade de abordagens que nem sempre conseguem atingir o cerne da questão, já que muitas dessas abordagens limitam-se muitas vezes a contemplar a realidade das mulheres, sem, no entanto considerar o aspecto relacional do gênero, no que diz respeito às relações sociais de poder, como os conflitos geracionais, as lutas de classes, étnicas, a diversidade sexual dentre outras.

Gênero, categoria em análise

A vida humana é constituída por ciclos e cada ciclo estabelece relações entre masculino/feminino, ou qualquer outra forma de relação. Segundo Muraro e Boff (2010), na fase do “Paraíso Perdido” foram vividas as relações de harmonia e equilíbrio com a natureza, ainda presentes no nosso inconsciente. Nesse ciclo, homens e mulheres viviam de maneira harmônica e as relações eram igualitárias. Nas sociedades de caça se estabelecem as relações de força e de poder. O gênero masculino passa a ser predominante, tornando-se hegemônico no período histórico, quando toma pra si a esfera do público, e designa à mulher a esfera do privado. Nesse ciclo a relação homem e mulher passa a ser de dominação e violência, já que esse é o modelo das relações entre os grupos, à espécie e a natureza.

De acordo com Scott (1990), gênero deve ser compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais, que se fundamenta nas diferenças perceptíveis entre os dois sexos; e só depois

é que devemos compreendê-lo como forma de representar as relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis.

Muraro e Boff (2010) nos chama a atenção para a elaboração sociocultural da diferenciação sexual, que fez com que fossem atribuídas aos homens as atividades que estavam diretamente ligadas ao perigo físico, à conquista territorial, à dominação. Desta forma, a estrutura biológico-hormonal da mulher a predispôs a tarefas ligadas à produção, conservação e desenvolvimento da vida. O seu investimento parental é muito maior que o do homem.

De acordo com Lavinias (1992) o conceito de gênero é fundamental para superar a concepção de que o equipamento biológico sexual é capaz de explicar o comportamento diferenciado do masculino e feminino na sociedade. As relações de gênero são dinâmicas e determinadas historicamente, com base em construções e desconstruções socioculturais, dessa maneira elas envolvem relações tanto de dependência quanto de poder entre indivíduos de sexos diferentes, situados em diversas posições e lugares sociais. Scott (1998) define gênero como uma organização social da diferença sexual, essa concepção foi sem dúvida um avanço no desenvolvimento do conceito e na superação da “anatomia como destino”.

Movimentos Sociais e a luta pela equidade

A década de 1980 foi de grande importância para a organização social e política do Brasil. É nesse período que os movimentos sociais começam a se firmar conquistando espaço em todo país. É também nessa época que a discussão gênero começa a ganhar corpo. Os gritos que ecoavam pelo país defendendo os direitos das mais diferentes categorias, bandeiras que eram levantadas em defesas das mais diferentes causas. Luta pela terra, pelo direito ao trabalho digno, por moradia, por igualdade racial e sexual dentre outras.

É essa perspectiva que vai nortear essa pesquisa, uma vez que entendemos que a concepção da dominação/exploração seja historicamente o fator que acaba por determinar a não participação feminina nas atividades consideradas decisivas para a sociedade. Considerando esse elemento entendemos que a questão da igualdade de gênero dentro do Movimento dos Assentados/as da Bahia – CETA organizado no Estado da Bahia, tendo como seu principal objetivo a reforma agrária, seja uma das bandeiras de luta.

Os movimentos sociais vinculados à luta pela terra, dentre eles o MST – Movimentos dos Sem Terra e o CETA, entendem que também a luta pela igualdade de gênero é fator importante para

a consolidação da cidadania, “já que orientam as relações sociais no cotidiano dos assentamentos e assentadas, assim como na sociedade toda, de modo a se observar que, para o MST, a transformação igualitária e solidária de uma sociedade inclui as relações de gênero” (SALVARO, 2004, p. 323).

Relações Sociais de Gênero no Movimento Social

Para os Movimentos Sociais que pautam sua militância na luta pela justa distribuição da terra, essa é considerada uma luta da família, o que inclui homens, mulheres e crianças. E essa lógica muda a percepção que se tinha até recentemente da organização dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, que frequentemente incentivava a participação dos homens nos sindicatos, enquanto as mulheres ficavam em casa, cuidando do lar e dos filhos. Nos movimentos sociais, dentre eles o CETA, desde a sua constituição, através do seu regimento, incentiva a participação das mulheres, evidenciando assim a necessidades de construir novas relações de gênero.

Nos movimentos, de luta pela terra, todo o processo de ocupação até a garantia da conquista da terra pode ser considerado momentos fortes de mudança de postura, aqui queremos chamar a atenção para dois desses momentos que consideramos etapas importantes no processo de conquista da terra e que mudam radicalmente o modelo das relações de gênero até então estabelecido.

O primeiro momento diz respeito à fase do acampamento. É aí onde acontece o encontro de pessoas com uma história de vida, e de diferentes contextos culturais e sociais, se juntam, criando dessa maneira um espaço propício a novas relações. A palavra de ordem é a coletividade e as experiências tanto objetivas quanto subjetivas passam por esse viés, por isso se faz necessário estabelecer novas regras de convivência. É aí que acontece um verdadeiro mutirão e isso requer o esforço de todos os participantes, percebe-se nessa etapa uma maior equidade na divisão de tarefas entre homens e mulheres.

O segundo momento se dá no assentamento. Sendo esse um momento importante para distinguir pontos cruciais no que se refere às relações de gênero. Nessa fase é possível perceber alguns mecanismos de reprodução do sistema patriarcal, cultuado na atualidade, que, em sintonia com o capitalismo, reforça e legitima a dominação masculina. Quaisquer que sejam as origens dos assentamentos, ainda há um salto enorme a ser dado para que haja uma verdadeira igualdade entre homens e mulheres. Apesar das barreiras existentes, o CETA tem feito importantes avanços nesse sentido. Um passo significativo é a constituição do Coletivo de Gênero, e a grande participação das mulheres tanto na coordenação Regional quanto na Estadual.

Considerando a importância da temática para os movimentos sociais e em particular o CETA, nossa pesquisa buscou analisar se nos processos de formação escolar e não escolar do Assentamento Nova Canaã a construção das relações de gênero é intencional ou não. A partir disso nascem os seguintes questionamentos: gênero nos espaços de formação escolar e não escolar, afinal, do que se trata nessa interpelação? Quais os significados das abordagens sobre estes temas no universo de formação dos sem terra? Quais filiações ou traços epistemológicos são utilizados numa abordagem dessa natureza? Por que tratar os temas gênero e na instituição escolar e nos movimentos sociais? Quais são os métodos utilizados pelos movimentos sociais em seus processos de formação para que se constituam efetivamente relações fundamentadas no direito à igualdade?

Assentamento Nova Canaã: Espaços de novas relações

A pesquisa foi desenvolvida no Assentamento Nova Canaã, localizado há 06 km, da sede do município de Pindobaçu – Bahia, que fica no território do Piemonte Norte do Itapicuru, no Sertão da Bahia. A luta pela posse da terra na então Fazenda Canaã tem seu início em 2002, com a organização de famílias sem terra militantes do Movimento CETA – Coordenação Estadual dos Assentados e Assentadas da Bahia, de diferentes cidades da Bahia, com predominância dos municípios de Pindobaçu, Cansanção, Itiúba e Queimadas. Em 2006 é constituído o Assentamento Nova Canaã, com um total de 81 famílias assentadas, que vivem na sua maioria da agricultura familiar, além de desenvolverem atividades comerciais na sede do município e outras atividades econômicas tais como diaristas em roças de terceiros ou em casa de famílias.

Instrumentos da Pesquisa

Inicialmente pensamos que as entrevistas feitas com as lideranças do Assentamento e as professoras seriam o suficiente, mas estando no local e vivenciando um pouco mais do cotidiano do Assentamento, conhecendo um pouco mais o espaço da pesquisa, as pessoas envolvidas direta ou indiretamente percebemos que a entrevista não seria o suficiente para a obtenção de uma análise mais condizente com a realidade, era preciso algo mais para que pudéssemos ter um olhar mais amplo acerca da construção das relações de gênero no Assentamento, dessa maneira, optamos por fazer, além das entrevistas, uma observação constante, com idas regulares ao local, participando de todas as atividades desenvolvidas pelo coletivo do Assentamento, tais como as Assembleias, além da mística, com a participação de todos/as os/as assentados/as para a divisão de tarefas da semana,

além de um questionário aplicado a todas as famílias, com questões que consideramos pertinentes e que nos ajudará a compreender melhor às relações de gênero nos espaços do assentamento, realizamos ainda oficinas com os assentados e as assentadas, que serviram como momento de formação, ao tempo em que nos fornecia dados para a pesquisa.

Segundo Lakatos e Marconi (1995), questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença de investigador. Com o questionário é possível levantar dados que permite traçar o perfil dos/as pesquisados/as. Convencionalmente a entrevista semiestruturada é considerada um encontro entre duas pessoas a fim de que, um deles obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

Analisando dados: Gênero no cotidiano do Movimento

A experiência dos movimentos feministas no mundo, e de maneira particular no Brasil ao longo dos séculos XIX e XX, se apresenta a partir de perspectivas contraditórias ao provocar uma ruptura no modelo de pensamento que é legitimado por princípios meramente biológicos para justificar as desigualdades entre homens e mulheres. Além de expressarem a forte resistência das mulheres, o movimento feminista, também tece veementemente uma crítica à lógica patriarcal em que foram fundadas as sociedades ocidentais.

Para Bandeira “o feminismo constitui-se no movimento social que mais profundamente interferiu no pensamento social e político ocidental, da forma como este se estruturava desde o século XVI”. (2000, 15). Ainda segunda a autora o movimento feminista foi o portador de vozes silenciadas desde o período grego até a modernidade, o que o movimento fez foi resgatar a mulher da condição de inferioridade à qual ela foi submetida, e não apenas como categoria, mas principalmente enquanto ser sócio histórico.

Gênero uma construção sociocultural dentro do Movimento

Dentre todos os animais o único que não nasce pronto e determinado é o ser humano. Homens e mulheres se fazem por meio de um processo histórico e contínuo, talvez por isso ouve-se tantas vezes a frase: “como você está mudado/a”. E essa mudança não diz respeito meramente à esfera biológica, que diz respeito a algo natural, vindo com o passar dos anos e o advento da idade, mas constitui-se também das esferas física, política, cultural e social, de acordo com as opções que

vamos fazendo no decorrer da vida, afinal a história é dinâmica e isso requer de cada um e cada uma de nós mudanças, caso contrário ficaremos à mercê do processo, vendo a vida passar como se fosse um filme do qual não fazemos parte.

Para Beauvoir (1949), o fato de nos dizemos homens ou mulheres já é em si construção social, nessa perspectiva ela vai dizer que nascemos humanos, o que nos torna masculino ou feminino é exatamente o processo histórico e suas nuances sociais e culturais.

Os posseiros e posseiras do Assentamento Nova Canaã, a partir de dados coletados em uma oficina, definem que gênero *“É uma construção social.”* (POSSEIRA 1). E acrescentam que as desigualdades, tão evidenciadas entre os gêneros, na atual sociedade é consequência de um longo processo de subordinação e dominação legitimado por meio de um modelo social que constituiu o sexo masculino como o “natural” colocando-o no centro da tomada de decisões. Esse modelo foi e ainda é considerado como o verdadeiro e qualquer outra possibilidade de organização social entre os gêneros será uma transgressão, isso porque *“essas desigualdades vieram sendo construídas desde o tempo das comunidades primitivas, sendo repassada de uma geração para outra”* (POSSEIRA 1).

Gênero não diz respeito apenas às mulheres, mas também aos homens e por isso extrapolam as dimensões ligadas às questões do masculino e feminino. Para a Posseira 2 *“É um conceito de igualdade entre ambas as partes, homem, mulher, rico, pobre, brancos e negro, velhos e velhas e jovens e crianças. Diz respeito as relações sociais dos seres humanos”*. Podemos perceber que a discussão de gênero no âmbito dos movimentos sociais avança um pouco mais, trazendo para o debate as relações sociais de poder, tais como etnia, geração, orientação sexual dentre outras.

A conceituação do termo gênero enquanto construção sociocultural das relações de poder foi perceptível durante a pesquisa.

Relações sociais de gênero é aquela relação que existe não só entre homens e mulheres, que a gente sabe que tem a criança tem o adolescente o idoso, tudo isso envolve relações de gênero. Essa relação que vem sendo construída ao longo do tempo que agora a gente está tentando mudar. As mulheres estão aí na luta pra ver se consegue conquistar seu espaço, porque a mulher percebeu que não dava pra continuar do jeito que estava então foi à luta (POSSEIRA 1).

Os teóricos e as teóricas de gênero encontram no movimento feminista e de mulheres sua primeira fonte, é aí que estudiosos e estudiosas vão buscar sanar suas primeiras inquietações ao tempo em que buscam suscitar outras tantas. Nessa perspectiva entendemos que é necessário que aja uma ruptura com a ideia de que o masculino e o feminino se constroem na dominação de um

sexo sobre o outro. É neste sentido que os estudos recentes apontam que a categoria gênero é uma categoria de análise histórica. A discussão de gênero deve abarcar a totalidade das relações humanas em todas as suas nuances e não restringir-se a apenas um dos sexos.

Relações de Gênero no cotidiano escolar do Assentamento

A escola do Assentamento é considerada pela comunidade como o espaço de educação formal, ou como nos afirma Gohn (2010) a escola é um espaço de educação escolar, já que outros espaços não escolares podem ser considerados espaços de educação formal.

Nesse sentido, entendemos que é na escola, por meio dos processos educativos que as relações de poder ganham visibilidade e forma, podendo se expressar de maneira mais evidente, nas suas mais variadas facetas, tanto na forma como as atividades e brincadeiras são atribuídas, como na maneira que o livro didático aborda assuntos relacionados a essa temática. A escola se configura num espaço de rico de socialização e construção do conhecimento. Sendo ainda um espaço de troca de experiências e constituição dos saberes, além de ser um espaço de legitimação do poder estabelecido, tal ou qual ele se apresenta, mas também pode e deve ser um espaço de inquietações onde as relações sejam ressignificadas, sendo assim a escola se apresenta como um espaço permanente de construção.

A escola do Assentamento é uma extensão da Escola Municipal Álvaro Palmeira de Carvalho, que fica na sede do município, o que indica falta de autonomia, uma vez que as professoras, mesmo atuando em área rural, estão oficialmente vinculadas a uma escola que funciona em área urbana, não tendo uma efetiva e devida preocupação com a questão da educação do campo contextualizada, sendo essa uma característica fundamental dos pilares da educação nos assentamentos do movimento sem terra em todo Brasil.

Para o movimento social é imprescindível que a educação aconteça de maneira contextualizada, considerando cada realidade específica, fazendo com que os filhos e filhas dos posseiros e das posseiras reflitam sobre sua condição social a partir de um contexto geográfico, histórico, cultural e econômico específico. De acordo com a Posseira 2 há no Assentamento uma preocupação com a educação contextualizada, mas na prática isso não acontece, dessa maneira estudantes e professoras trabalham conteúdos alheios à realidade local.

As relações de gênero no espaço privado do Assentamento

Ainda é presente nas relações do Assentamento, mesmo que velado, um modelo patriarcal, onde a mulher é submissa ao homem, ainda que se tenha consciência de que esse modelo não corresponde com as expectativas de vivências no Assentamento. Isso fica nítido nesse depoimento:

Quando dava 7 (sete) horas eu dava café a todo mundo. E ia pra roça mais ele. Nós trabalhava até 11:30. Chegava em casa ia pro pé do fogão acabar de fazer a comida, para botar a comida pra comer. Botava comida para os filhos, quando dava uma hora, uma e meia, roça novamente para trabalhar, quando chegava em casa de tardezinha ou pela noite ia dá banho nos filhos, ele (o marido) chegava, às vezes ia d comida pro animal, ia prender ou fazer qualquer coisa. Ele entrava em casa tomava o banho dele, a comida estava pronta ele jantava se sentava, e eu ficava cuidando da mamadeira de filho, quando ia tomar banho, que ia comer era 9, 10 horas e depois disso eu ia dormi.

Aí nesse tempo eu não dizia nada que eu era abestalhada. Agora hoje, eu caí no meu entendimento, de uns anos pra cá que ainda fazia isso sabe como é, eu dava o prato feito misturado na mão. Só não colocava na boca, mas eu fazia o prato de todos, direitinho e tudo dava prontinho ali ó. Eu tenho um filho mais novo que ele hoje está com 30 anos, que eu dizia: bota sua comida, meu filho, ele me respondia mainha não sei o tanto que eu como, quem sabe é mainha, coloca minha comida, a errada não era eu? E agora eu coloco a comida toda na mesa, ai ele (o marido) disse essa aí tá ficando sabida, agora coloca a comida da mesa e não coloca a comida de ninguém mais, aí quando eu acordei, parece que eu estava dormindo (POSSEIRA 5).

Prevalece assim a concepção de que a mulher além de trabalhar no espaço público, fora de casa, precisa cuidar sozinha do espaço privado, sem que o companheiro a ajude. Foi interessante perceber que os homens só fazem alguma atividade doméstica de vez em quando, como se esses não precisasse ser feitos todos os dias. Vale ressaltar que em algumas famílias há uma participação efetiva de homens nas atividades privadas, mas isso é algo muito recíproco.

Considerações: Espaços formativos que favoreçam novas relações

O Assentamento, por meio da formação nos seus diferentes âmbitos, se configura num espaço importante para a sensibilização, construção e constituição de novas relações de gênero, que implicam necessariamente em construções sociais do ser homem e do ser mulher. Em função desta construção, serão atribuídos, a um ou outro sexo, papéis sociais a serem desempenhados em determinados lugares.

A formação, escolar e não escolar, para os movimentos sociais no campo é tida como elemento fundamental no complexo desenvolvimento territorial das suas lutas. Dessa maneira, compreende-se a educação como um processo de formação humana na conquista do território e espacialização do posseiro e da posseira. Os movimentos sociais buscam atuar em duas linhas de formação, a primeira diz respeito ao processo formativo da própria militância e a outra se refere à luta por uma escola de qualidade nos assentamentos, a partir de uma educação contextualizada.

Quanto ao caráter formativo, partimos do princípio de Gohn (2005) quando afirmam que “nos movimentos sociais a educação é autoconstruída no processo, e o educativo surge de diferentes fontes”. (p. 50). Dessa maneira o CETA entende que a luta por uma educação de qualidade, ligada à organização de classe, pressupõe, pois, desafiar o poder estabelecido pela escola e pelo sistema educativo ao tempo em que se busca construir uma educação que esteja em sintonia com o projeto de uma sociedade justa, que respeite à cultura e a realidade do camponês e da camponesa em suas comunidades.

Entendemos, dessa maneira, que a formação deve ser um dos pilares na construção de novas relações de gênero. Não uma formação estanque, mas uma formação continuada, expressa nas vivências individuais e coletivas. De acordo com os depoimentos a formação anda esquecida no Assentamento, desestruturando assim todas as comissões. De acordo com a Posseira 1 esse fato é consequência da política partidária municipal: “*Esse ano não houve [...], a política partidária veio interferir em nossa organização aqui.* Para o Posseiro 4 as assembleias mensais e as místicas semanais são momentos apenas informativos e os momentos de formação se resumem às campanhas de vacinação ou visitas dos Agentes Comunitários de Saúde, vindos da cidade, ou do Conselho Tutelar: “*Algumas pessoas dos órgãos públicos que já veio pra cá, é feita dessa forma [...] É aí vem conselho tutelar, agente de saúde*”. (POSSEIRO 4). O Posseiro 5 confirma essa fala quando diz que: “*No início a gente começou, com uns momentos de formação na comissão de produção, mas as vezes tem em relação a formação técnica esse negócios ai. [...]. As vezes a gente, nós consegue com o pessoal do CRAS do Pindobaçu algumas palestras*”.

Fica nítida a ausência de um programa/cronograma de formação que possa disseminar os valores, saberes e fazeres tão bem defendidos pelo movimento social.

Novas relações de gênero se apresentam como um ideal, já legitimado pelo Movimento em seus documentos, e isso é um bom começo, no cotidiano o que se percebe é um desejo enorme por equidade, mas essa não acontece da noite por dia, se dá por meio de um processo de construção diária. Construção requer tempo, planejamento e organização, é construir na ação, no fazer, no

arregaçar as mangas e colocar a mão na massa. Constatamos que o modelo estabelecido até então não corresponde mais aos anseios dos homens e das mulheres contemporâneos. Que caminhos percorrer? Isso teremos que descobrir juntos e juntas, percorrendo trilhas que nos conduzam à equidade.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. **A imagem da mulher nas ideias educacionais de Pestalozzi: o aprisionamento ao âmbito privado (doméstico) e à maternidade angelical.** Caxambu: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 2001.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Feminismo: Memória e História. In: SALES, Celecina de Maria Veras, AMARAL, Célia Chaves Gurgel do ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite (orgs.). **Feminismo: Memória e História.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução: Sérgio Milliet. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

_____. **O Segundo Sexo: A experiência vivida.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELTRÃO, K.I; ALVES, J.E.D. **A rever são do hiato de gênero na educação brasileira no século XX.** ABEP, 2004. Disponível em <http://www.metas2015.unb.br/Documentos/Educacao%20Universal/Reversao%20do%20hiato%20de%20genero%20na%20educacao.pdf>.

FERRAZ, Raimundo Cassiano. **Gênero, masculinidade e docência: visões dos alunos de pedagogia.** UFPB, João Pessoa – PB, 2008.

FREITAS, Maria Carmelita de. Gênero/Teologia Feminista: Interpelações e Perspectivas para a Teologia In. **Gênero e Teologia: Interpelações e Perspectivas:** Loyola, São Paulo, 2000.

GOHN, M. da G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1995.

LAVINAS, L. Gênero, Cidadania e Políticas Urbanas. In.: **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana.** Civilização Brasileira, 1997.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis – RJ: Vozes. 2007.

_____. **Currículo, Gênero e Sexualidade.** Portugal: Porto Editora 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, J.C. LEITE, E. Discursos velados: memória e cotidianidade feminina. In: LEMOS. M. T.T.B.; MORAES, N.A. de. (org.) **Memória, Identidade e Representações.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2000, p. 38-42.

RIBEIRO, Marlene. **O camponês como sujeito/ objeto da História: elementos para uma teoria.** III ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO. Anais... Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, Bahia, 2000.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto. **Jornadas de trabalho de mulheres e homens em um assentamento do MST.** 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104_026X2004000100017&lang=pt>.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

_____. História das mulheres. In: *A Escrita da história: novas perspectivas*: UNESP, São Paulo, 1992.